

**REFLEXÕES ACERCA DA FORMAÇÃO DOCENTE E DO SER PROFESSOR
ATRAVÉS DA METODOLOGIA DO *WORLD CAFÉ***

**REFLECTIONS ON TEACHER TRAINING AND TEACHING THROUGH *WORLD
CAFÉ* METHODOLOGY**

Pedro Henrique Oliveira de Campos¹
Rita Aparecida Marques da Silva²

Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar as discussões e os resultados de uma atividade realizada na disciplina "Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento", oferecida pelo Departamento de Educação de uma Universidade Federal localizada no interior do estado de Minas Gerais. A atividade buscou compreender as concepções dos estudantes sobre a docência, tendo em vista que grande parte deles são alunos de cursos de licenciatura da referida universidade. A partir dos pressupostos teóricos do movimento construcionista social, nosso trabalho buscou promover o diálogo sobre a docência entre os alunos e a professora da disciplina bem como compreender a dimensão performática na fala e nas ações dos estudantes que participaram da atividade. O objetivo desta atividade foi transformar a sala de aula num espaço de reflexão sobre a docência, uma vez que os alunos foram convidados a pensar sobre o motivo pelo qual eles estão num curso de licenciatura, sobre o objetivo deles enquanto futuros professores e sobre o tipo de docentes que eles querem se tornar. Para tanto, foi utilizado o aplicativo *Socrative* para identificar o perfil da turma, por meio de um questionário *on-line*, e a prática do *World Café* para o levantamento de questões sobre a docência. O *World Café*, além de buscar compreender a expectativa dos alunos, foi utilizado por ser uma ferramenta que propicia o diálogo, a escuta e a reflexão. Tal prática propicia o compartilhamento de experiências e a construção conjunta de significados. A partir

¹ Mestrando em Educação – Universidade Federal de Viçosa (UFV). Contato: pedro.campos2@ufv.br. Telefone: (31) 99283-6617

² Mestranda em Educação – Universidade Federal de Viçosa (UFV). Contato: ritamarques.ufv@gmail.com. Telefone: (31) 98722-9291

das perguntas e das provocações que elas causam, o estudante não só reflete, mas participa ativamente do seu próprio processo de formação.

Palavras-chave: Docência. Formação de Professores. *World Café*.

Abstract

This article aims to present the discussions and results of an activity carried out in the discipline "Psychology of Learning and Development", offered by the Department of Education of a Federal University located in the interior of the state of Minas Gerais. The activity sought to understand students' conceptions about teaching, considering that most of them are undergraduate students of the university. Based on the theoretical assumptions of the social constructionist movement, our work sought to promote the dialogue about teaching among the students and the teacher of the discipline as well as to understand the performance dimension in the speech and actions of the students who participated in the activity. The purpose of this activity was to transform the classroom into a space for reflection on teaching, since the students were invited to think about why they are in a degree course, about their purpose as future teachers and about the type of teachers they want to become. To do so, the Socratic application was used to identify the profile of the class, through an online questionnaire, and the practice of the World Café to raise questions about teaching. The World Café, in addition to seeking to understand the expectations of the students, was used as a tool for dialogue, listening and reflection. This practice provides the sharing of experiences and the joint construction of meanings. From the questions and the provocations they cause, the student not only reflects, but actively participates in his own training process.

Keywords: Teaching. Teacher training. World Café.

Introdução

Provocar os alunos. Essa é a função do professor, como defendia o filósofo Rubem Alves (2008). Ele questionava a ideia de professor como mero reprodutor ou

como transmissor de ideias, já que, para esse filósofo, o conhecimento está nos livros, está na internet, está em todos os lugares. Assim, caberia ao professor a tarefa de despertar a curiosidade e o interesse dos alunos para que, assim, eles iniciassem a busca pela aprendizagem.

Foi com essa ideia de Rubem Alves que uma professora da disciplina Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento, oferecida pelo Departamento de Educação aos alunos dos cursos de licenciatura de uma Universidade Federal localizada no interior do estado de Minas Gerais, iniciou sua primeira aula da disciplina. A apresentação da ideia de Rubem Alves foi uma provocação aos estudantes: afinal, qual seria, de fato, o papel do professor?

Com o objetivo de transformar a sala de aula num espaço de reflexão sobre a docência, os alunos de uma turma de licenciatura da referida universidade foram convidados a pensar sobre o motivo pelo qual eles estão num curso de licenciatura, o objetivo deles enquanto futuros professores e o tipo de docentes que eles querem se tornar. Assim, em um primeiro momento, a professora propôs uma atividade na qual os alunos deveriam escrever uma redação, de modo que eles respondessem às seguintes perguntas: “Por que ser professor?”, “Para que ser professor?” e “Que tipo de professor quero ser?”.

A atividade foi uma proposta, um convite para que os estudantes pudessem trazer à tona a discussão sobre a formação de professores, já que eles deveriam conduzir o olhar para si mesmos na busca de seus objetivos profissionais e de seus tipos ideais de professores. Pensar sobre os motivos pelos quais eles escolheram a docência e sobre o tipo de professor que eles querem ser é refletir sobre o tipo de formação que eles almejam receber na universidade. A formação de professores, segundo Heron Bonandiman e Murilo Leal,

é sempre um tema desafiador. Quem ou aquele que se propõe a discorrer sobre ela logo perceberá a complexidade própria ao objeto. Em certo sentido, do ingresso nos cursos superiores de licenciatura ao momento de preparação subjetiva para encerrar a carreira, professor algum interrompe de fato a sua formação. Portanto, a formação de professores é um processo que, quando iniciado, só pode ser interrompido quando se renuncia ao ofício de ensinar (BONANDIMAN; LEAL, 2012, p. 5).

A formação de professores é uma tarefa desafiadora e acreditamos que a aplicação da atividade foi uma maneira de mobilizar a reflexão dos estudantes sobre o processo de sua formação e sobre a docência que irão exercer futuramente. Além

disso, acreditamos que o diálogo com os alunos é um importante instrumento para horizontalizar a relação professor-aluno, tornando, assim, a sala de aula um lugar mais acolhedor e propício para discussões importantes como a que introduzimos nesta atividade.

Adiante, apresentaremos os pressupostos teóricos do Construcionismo Social e suas contribuições para o entendimento de nossa proposta e também os percursos metodológicos que guiaram a atividade, a saber, o uso do aplicativo *Socrative* e a prática do *World Café*. Por fim, com o intuito de demonstrar a construção conjunta de significados dos estudantes sobre a docência e sobre a formação docente, discutiremos os resultados obtidos através das redações escritas pelos alunos da turma de licenciatura na qual a atividade foi aplicada.

O diálogo como ponte para a construção de sentidos: contribuições do construcionismo social

Nossa atividade foi pensada com base nos pressupostos teóricos do Construcionismo Social. O socioconstrucionismo é um movimento que ganhou força no início da década de 1970, com a publicação da obra *Social psychology as history*, do psicólogo americano Kenneth Gergen, considerado o pai do Construcionismo Social. No Brasil, o movimento foi impulsionado no final da década de 1990 e no início dos anos 2000, através de Mary Jane Spink, Marilene Grandesso, Emerson Fernando Rasera e Marisa Japur, todos oriundos da Psicologia.

De acordo com Carla Guanaes (2006), o Construcionismo Social é uma perspectiva teórica que lança seu olhar sobre os processos relacionais e discursivos a partir dos quais as pessoas constroem o mundo em que vivem e a si mesmas. Nesse sentido, o movimento socioconstrucionista busca explicar os processos pelos quais as pessoas falam, percebem e experienciam o mundo. Para os construcionistas, a realidade é uma construção social e, portanto, nada que existe no mundo é algo dado e definido, mas algo que construímos coletivamente. Assim, conforme Sheila McNamee,

em uma orientação construcionista, a possibilidade de construir novos entendimentos, crenças, valores e realidades está sempre presente. Cada vez que nos engajamos com outros e com o nosso ambiente, a possibilidade de criar sentidos novos e, assim, visões de mundo novas, está sempre presente (MCNAMEE; 2014, p. 112).

É através da perspectiva socioconstrucionista que a atividade aplicada em uma turma de licenciatura de uma Universidade Federal do interior mineiro foi pensada. A atividade foi proposta com o objetivo de engajar os discentes em uma reflexão conjunta sobre a docência, com o objetivo de propiciar o compartilhamento de experiências e a construção conjunta de significados sobre a formação docente e sobre o ser professor. Para isso, apostamos no diálogo como uma ferramenta de interação, no sentido de estimular a produção relacional de significados. Para Mary Gergen e Kenneth Gergen,

o conceito tradicional de ensino se vê prejudicado por sua base individualista e pela falha de não reconhecer a produção relacional do significado. Assim, não consideramos mais como nosso dever 'despejar conhecimento sobre nossos alunos'. Ao invés disso, levamos para a sala de aula aquilo que enxergamos como recursos que capacitarão os alunos a se envolverem em novos diálogos (GERGEN, M; GERGEN K., 2010, p. 67-68).

Assim, foi através do diálogo com os alunos e entre os alunos da turma que a atividade foi realizada e os sentidos sobre a docência foram construídos e reconstruídos por eles. O processo dialógico e interacional em sala de aula é um tema bastante discutido pelas pessoas que pensam a educação. Juliana Zanini e Rachel Leite, citadas por Raquel Konrath, falam sobre a importância dos processos relacionais na relação entre professores e alunos nas salas de aula:

As rodas, o ouvir o outro ajuda educandos e educador a perceber que as experiências, as vivências, as opiniões e modos de ser são diferentes para cada pessoa. O outro se torna um espelho composto por muitos outros espelhos a refletir as individualidades que estão em constante formação. A valorização e o respeito a opinião do outro vão sendo então construídos por meio de trocas que se estabelecem entre educandos e educadores. Nas trocas de olhares, percepções, gestos, falas, curiosidades, medos, inseguranças, risadas... é que cada um vai significando sua identidade, percebendo-se integrante e integrador de um grupo. São também, esses momentos que possibilitam o reconhecimento da existência do eu e do outro. (ZANINI; LEITE, apud KONRATH, 2013, p. 28).

O movimento Construcionista Social adota para si o conceito de linguagem como maneira de agir no mundo e aposta na teoria dos jogos de linguagem do filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein. Para ele, a linguagem é performática, isto é, as palavras têm o poder de afetar o mundo, de agir sobre ele. E é a partir dessa concepção que acreditamos que a realização de uma atividade que mobilize os

alunos a dialogarem e a redigirem um texto sobre suas motivações para escolherem um curso de licenciatura, seus anseios enquanto licenciandos e suas representações sobre o “bom professor” é um caminho pelo qual os estudantes poderão agir através da linguagem, do diálogo. Corroborando com as ideias do educador Paulo Freire,

o diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se, ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial (FREIRE, 2005, p. 82).

Retornando aos construcionistas Kenneth e Mary Gergen (2010, p. 68), eles salientam que é através do diálogo que os alunos poderão “fazer uso de suas habilidades e gerar conversas que sejam de valor”, ao mesmo tempo em que “devem aprender a levar em consideração o que os outros (inclusive nós, professores) têm a dizer”. Além disso, nós, professores, “também aprendemos com eles, de forma que o processo de ensinar e o de aprender converge”.

A abordagem dialógica, portanto, conduziu nossas atividades nas aulas da referida turma de licenciatura no primeiro semestre do ano de 2018. Essa maneira de conduzir as aulas permitiu que os estudantes se sentissem mais à vontade para colocar seus pontos de vista e para refletir sobre o processo de formação no qual eles estão envolvidos.

Percursos metodológicos

Antes de pedir aos alunos que redigissem um texto com uma temática voltada para a docência, julgamos necessário traçar o perfil da turma. Buscamos verificar a quantidade de alunos, a média de idade dos discentes, os cursos em que eles estão matriculados, a modalidade do curso (bacharelado ou licenciatura), o período que o estudante está cursando e em que tipo de instituição eles estudaram na educação básica (se pública ou privada). Acreditamos que essas informações seriam relevantes para a análise dos dados obtidos.

Para compreendermos as concepções dos estudantes sobre a docência, solicitamos uma redação com a seguinte temática: "Professor, por quê, para quê? Que professor quero ser?". Os alunos deveriam responder a essas perguntas e

entregar as respostas na aula seguinte. Mas, antes, utilizamos a técnica do *World Café* para que a professora e os alunos pudessem compartilhar suas experiências a respeito da prática docente e também sobre algumas questões que despertaram a curiosidade dos estudantes durante essa atividade.

Reunidas as redações produzidas pelos alunos, a professora e seus orientandos de Mestrado analisaram as respostas dos estudantes e fizeram um levantamento que continha os discursos mais recorrentes sobre os motivos pelos quais os alunos escolheram ser professores, sobre os seus objetivos como docentes no futuro e sobre o tipo de professores que eles querem ser. Depois, exploramos as respostas dos alunos, de maneira a privilegiar aquelas que atraíram nossa atenção para uma análise mais significativa.

Adiante, apresentaremos os instrumentos utilizados para traçar o perfil da turma, para a coleta dos dados (respostas das redações) e também a análise de conteúdo que, para nós, foram mais significativos nas redações dos estudantes.

O aplicativo *Socrative*

Para identificar o perfil da turma, utilizamos o aplicativo *Socrative* que, de acordo com Silva:

É uma ferramenta desenhada para auxiliar os processos de aprendizado ativo, ajudando o professor a engajar seus estudantes e fornecendo *feedback* imediato das atividades realizadas por meio dele. Há vários usos possíveis, como: perguntas rápidas de saída, para acessar a compreensão do conteúdo da aula; atividades longas com várias etapas em que os grupos/estudantes vão recebendo *feedback* a cada etapa; e os quizzes, perguntas de múltipla escolha, para avaliar o acompanhamento dos alunos de conceitos básicos e informações ao longo das aulas (SILVA, 2006, s.p.).

Para traçar o perfil dos estudantes, optamos por utilizar a ferramenta de respostas rápidas de saída. O aplicativo oferecia as perguntas e os alunos marcavam as respostas de acordo com as opções disponíveis, num esquema de múltipla escolha. A escolha do *Socrative* para a obtenção do perfil da turma se deu pela praticidade do aplicativo, uma vez que ele nos oferece respostas rápidas, objetivas e em curto prazo.

Através do *Socrative*, os alunos responderam as seguintes perguntas: Qual a sua idade? Qual seu sexo? Em qual curso de graduação você está matriculado?

Qual a modalidade do curso: licenciatura ou bacharelado? Qual período você está cursando no momento? Em qual tipo de escola você estudou na educação básica: pública ou particular?

A turma em que aplicamos as atividades práticas possuía 59 alunos matriculados em março de 2018, no início do semestre letivo. Destes, 49 estudantes responderam ao questionário. A partir desses dados, observamos que os estudantes possuem entre 18 e 21 anos de idade, em média, sendo 75,5% deles do gênero feminino e os outros 24,5% do gênero masculino. A maior parte dos alunos (98%) são estudantes de cursos de licenciatura, enquanto os outros 2% fazem bacharelado e, portanto, escolheram cursar a disciplina que não é obrigatória para a sua formação. Os estudantes que participaram de nossa pesquisa são, em sua maioria, alunos do terceiro período do curso de Letras. No entanto, a turma também recebe alunos dos cursos de Ciências Biológicas, Educação Física, Física, Matemática e Química. Nessa turma, a maior parte dos estudantes (65%) sempre frequentou a escola pública ou, pelo menos, esteve nela em grande parte de sua vida estudantil. Outros 35% dos alunos da turma sempre frequentaram a escola particular ou estiveram nela durante grande parte da sua trajetória escolar.

O *World Café*

No primeiro dia de aula da disciplina Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento, a professora quis conversar com os estudantes para conhecê-los melhor. A docente se apresentou para a turma e, na sequência, falou um pouco sobre a disciplina. Depois, os alunos foram convidados a falar sobre suas expectativas em torno dos conteúdos a serem estudados ao longo do semestre.

Nesse momento, os estudantes fizeram um levantamento sobre quais conteúdos eles esperavam estudar na disciplina. Muitos temas que não são objetivo de estudo da Psicologia, mas sim da Pedagogia e da Didática, foram colocados pelos alunos. É nesse momento de troca, de conversa, de diálogos que a prática do *World Café* acontece. De acordo com Marianne Bojer *et al*,

o *World Café* é uma forma de, intencionalmente, criar uma rede viva de conversas em torno de questões que importam. A metodologia permite que grupos de 12 a 1.200 (!) pessoas pensem juntas,

visando criar novos significados compartilhados e *insight* coletivos (BOJER *et al*, 2010, p. 130).

Nesse sentido, utilizamos a metodologia do *World Café*, a fim de instigar as expectativas dos discentes sobre a disciplina, *a priori*, para que, na sequência, eles fossem estimulados a falar sobre a docência. A prática do *World Café*, além de buscar compreender a expectativa dos alunos, foi utilizada por ser uma ferramenta que propicia o diálogo, a escuta e a reflexão. A partir das perguntas e das provocações que elas causam, o estudante não só reflete, mas participa ativamente do processo de construção da disciplina.

Nos diálogos com os estudantes a respeito de suas expectativas em relação à disciplina Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento, foram colocados em discussão temas como educação inclusiva, problemas de aprendizagem, relação professor-aluno, entre outros. O interesse dos alunos por essas temáticas estava associado às dúvidas e às aflições que eles possuem sobre a profissão docente. A todo momento, os discentes levantavam questões sobre “como identificar problemas que atrapalham o aprendizado dos alunos”, “como os professores devem se portar diante dos problemas dos estudantes”, “como lidar com alunos especiais”, “como criar/despertar o interesse nos alunos”, “como dar aulas mais atrativas”, o que para nós indica a grande preocupação dos licenciandos com as questões relativas ao cotidiano escolar e ao próprio fazer docente.

Apesar de a disciplina não ter como objetivo discutir alguns desses pontos que foram colocados pelos alunos, a prática do *World Café* possibilitou que os estudantes pudessem se expressar em relação às suas dúvidas e aos seus anseios enquanto alunos de um curso de formação de professores. Foi através dos diálogos que ocorreram na primeira aula da disciplina que a professora pensou a atividade que propusemos aos discentes.

Assim, aquela primeira aula terminou com a professora pedindo que seus alunos escrevessem uma redação sobre a docência, enfatizando as razões que fizeram com que escolhem um curso de licenciatura, as suas futuras intenções como professores e o “tipo ideal” de docente que eles querem se tornar. Nesse sentido, as atividades propostas, utilizando a metodologia do *World Café*, foram pensadas de maneira que favorecesse o diálogo, a reflexão e as trocas de saberes.

Resultados e discussões

Professor: por quê, para quê e que tipo de docente quero ser?

Para analisarmos as concepções dos alunos sobre a profissão docente, propusemos que redigissem um texto intitulado "Professor: por quê, para quê? Que professor quero ser?" e entregassem na aula seguinte. Não foi estabelecido um limite de linhas, nem houve exigência acerca da linguagem a ser utilizada, de tal modo que eles poderiam responder em tópicos, em forma de texto dissertativo ou em outro gênero textual, como uma poesia, por exemplo.

Foi interessante notar que muitas das redações que recebemos dos alunos continham mais que as respostas solicitadas pela professora. Os textos apresentavam também alguns “desabafos” e algumas concepções sobre o que é ser um bom professor, o que nos faz crer que esses alunos possuem muitas frustrações, seja em relação aos professores que já passaram por suas vidas, seja em relação às dificuldades inerentes ao próprio sistema educacional e ao fazer docente.

Em uma dessas redações, a estudante Rúbia³ apresenta sua concepção sobre o que é ser um bom professor, salientando algumas das características de um bom professor:

“A meu ver, um bom professor não é aquele que somente entra na sala, explica a matéria e vai embora. Ser professor é mais que isso. É ser uma inspiração. É ajudar. É ensinar a matéria com leveza, mesmo quando ela for muito difícil. É tratar o aluno com o devido respeito que ele merece. É dar o seu melhor para que a aprendizagem seja certa e ao mesmo tempo prazerosa” (Rúbia, estudante de Letras – licenciatura em Língua Inglesa).

Comentários como esse e alguns outros “desabafos” foram encontrados em muitas das redações que recebemos dos alunos. Discutiremos, adiante, de forma separada, algumas das respostas que nortearam a escrita da redação. Apresentaremos, primeiramente, a análise de alguns comentários sobre “por que ser professor”. Na sequência, analisaremos as respostas sobre “para que ser professor”. Por fim, discutiremos os discursos sobre o tipo de professor que os alunos querem ser.

³ Optamos por utilizar nomes fictícios, a fim de preservar a identidade dos sujeitos envolvidos neste trabalho.

“Por que descobri que quero”

Por que alguém escolhe ser professor? Não há apenas uma resposta possível para essa pergunta. São várias as motivações que levam alguém a escolher a docência como profissão. Você pode, por exemplo, fazer parte de uma família que contém muitos professores e, então, ser influenciado por eles. Ou alguém pode lhe dizer que você sabe explicar muito bem as coisas e que você daria um ótimo professor (e a partir de então acreditar nisso e tomar para si a ideia de ser professor). Para os alunos da turma na qual aplicamos a atividade, os motivos que fizeram com que os estudantes optassem por um curso de licenciatura são variados, mas alguns nos chamaram a atenção.

Lúcia, por exemplo, optou pela licenciatura em Letras porque foi inspirada por alguns professores com quem teve aula no Ensino Médio e no curso pré-vestibular:

“Durante o Ensino Médio e o curso Pré-vestibular tive ótimos professores, o que me fez mudar de ideia sobre lecionar. Passei a ter vontade de compartilhar meus conhecimentos” (Lúcia, estudante de Letras – licenciatura em Língua Portuguesa e bacharelado em Literatura).

Há também aqueles que sonham ser professores. É o caso de Jéssica, que garante que desde pequena carrega consigo o sonho de ser uma professora. Assim como Lúcia, ela também foi inspirada por uma professora em sua trajetória escolar:

“Desde pequena trago comigo esse sonho, o qual foi despertado quando consegui entender a matéria com uma professora maravilhosa que tive na 3ª série. Via nela o amor por lecionar e posso dizer que ela é e foi a minha inspiração para estar aqui hoje” (Jéssica, estudante de Letras – licenciatura em Língua Portuguesa).

Já Marianne, licencianda em Letras, enxerga a Educação como um instrumento de transformação da realidade. Ela acredita em um mundo melhor e entende que a Educação é capaz de proporcionar uma vida boa para as pessoas. Foi esse o motivo que a fez escolher ser professora, além de querer se sentir útil à sociedade, prestando esse serviço:

“Eu pretendo ser professora de Português porque enxergo na educação o caminho mais eficiente de mudança social e vejo o labor como uma oportunidade de ser útil à sociedade em que vivemos. Por isso, ser professor, para mim, é a forma como eu entendo que a minha vocação pode

ajudar a comunidade a qual pertencemos” (Marianne, estudante de Letras – licenciatura em Língua Portuguesa).

E, entre tantas e diversas razões que levam alguém a querer ser professor, há aquelas pessoas que simplesmente descobrem que querem isso para suas vidas. Rafaela é uma dessas pessoas que descobriram que a docência é seu lugar, a partir da animação de seus colegas:

“Porque me apaixonei! Porque vi meus colegas animados. Porque descobri que quero!” (Rafaela, estudante de Letras – licenciatura em Língua Inglesa).

Como vimos, existem muitos motivos que explicam a escolha da docência como profissão, mas nenhum deles explora a sensação dessa escolha. O comentário da estudante Bianca nos convida a conhecer esse sentimento de encontro com a profissão desejada. Apesar de ter optado pela licenciatura em Língua Inglesa, Bianca usa de recursos literários para justificar sua opção pela docência:

“Comecei a tomar gosto pela docência e, com uma sensação parecida com a de um golpe na boca do estômago misturada com realização, descobri que havia feito a escolha certa” (Bianca, estudante de Letras – licenciatura em Língua Inglesa).

“Para mudar as futuras gerações do Brasil”

Explorados alguns dos motivos que atraíram os licenciandos para a docência, analisemos agora as intenções desses estudantes no futuro, quando já tiverem concluído a graduação e, enfim, assumirem turmas em escolas públicas ou privadas na educação básica. Quais seriam os objetivos dos futuros professores? O que eles pretendem fazer como docentes?

Bianca que, depois de observar a animação de seus colegas de turma, descobriu que quer ser professora, afirma que não quer ser igual aos professores que ela já teve em sua trajetória escolar. Ela quer ser diferente. E expressa esse desejo da maneira mais clara possível:

“Para ser diferente dos professores mal informados que tive” (Bianca, estudante de Letras – licenciatura em Língua Inglesa).

Seguindo essa lógica da diferença, Fernando conta que deseja transformar o ato de estudar em algo prazeroso. Esse comentário nos remete às expectativas dos alunos em relação aos conteúdos da disciplina Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento: grande parte dos estudantes esperava que a disciplina fornecesse instrumentos que capacitariam os alunos para que eles pudessem oferecer aulas mais atrativas para seus alunos. Assim, Gabriel estabelece sua meta como futuro professor:

“Minha meta principal como professor, no futuro, é poder de alguma forma ser capaz de tornar o estudo algo prazeroso para o aluno” (Fernando, estudante de Letras – licenciatura em Língua Francesa).

Muitos alunos da turma em que a atividade foi aplicada optaram pela licenciatura em Língua Inglesa. Miranda é uma dessas alunas que são apaixonadas por esse idioma e, assim, o objetivo dela como professora é

“Poder ensinar essa língua pela qual sou apaixonada para outras pessoas e, quem sabe, fazer com que elas se apaixonem pelo inglês como eu” (Miranda, estudante de Letras – licenciatura em Língua Inglesa).

Como já mencionamos, a turma possui alguns alunos que não cursam Letras. Ricardo, por exemplo, é estudante de Física e faz a disciplina de Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento em busca de algumas respostas para suas dúvidas de licenciando. E, como futuro professor, ele já estabeleceu seu objetivo:

“Quero lecionar para despertar o interesse e a curiosidade das pessoas diante dos mistérios e das sutilezas de como a natureza funciona, seus movimentos e seus fenômenos” (Ricardo, estudante de Física – licenciatura em Física).

Assim como há estudantes que sonham ser professores e que descrevem de forma literária o sentimento da descoberta dessa profissão, há também licenciandos utópicos, aqueles que querem mudar o mundo ou pelo menos as futuras gerações de seu país. Jonas é um deles e ele assegura que quer ser professor

“para mudar as futuras gerações do Brasil” (Jonas, estudante de Letras – licenciatura em Língua Portuguesa).

“Quero ser um professor eternamente aluno”

Antes de chegarem até a Universidade, os estudantes da graduação passam por um processo de escolarização que dura cerca de 12 anos. Nesse período, eles têm contato com vários professores, de diferentes tipos. Existem aqueles mais rígidos, outros mais despojados, uns moderados e por aí vai. Alguns deles deixam marcas na vida dos estudantes para sempre. Marcas positivas que podem inspirá-los até mesmo a se tornarem professores (como é o caso de Lúcia) ou marcas negativas que podem desestimular os alunos em relação aos estudos (além de outras tantas consequências).

É com base na referência de professores que os licenciandos já tiveram que eles vislumbram um tipo ideal de docente. Sandra, por exemplo, recorda-se de alguns de seus professores do Ensino Médio e se inspira neles por causa da aproximação que eles tinham com seus alunos:

“Quero ser uma professora como alguns professores que tive no Ensino Médio: professores-amigos que compartilhavam as suas experiências sem menosprezar as vivências de cada aluno” (Sandra, estudante de Letras – bacharelado em Literatura).

A aproximação com os alunos também é uma característica positiva do tipo de professor que Núbia quer ser. Porém, ela também revela seu incômodo com aulas centradas em um professor que utiliza como recurso apenas o quadro de giz:

“Quero ser o tipo de professora que não segue apenas o modelo de aula quadro-professor-aluno. Quero não apenas ser professora, mas também ser amiga dos alunos” (Núbia, estudante de Letras – licenciatura em Língua Inglesa).

Já a estudante Rita chama a atenção para as virtudes dos alunos, que muitas vezes são negligenciadas pelos professores. É essa a ideia que ela traz em seu discurso, sobretudo quando afirma que não quer ser uma professora que subestima a capacidade dos discentes:

“Desejo ser o tipo de professor que estimula e acredita na capacidade de seus alunos, sem subestimá-los” (Rita, estudante de Letras – bacharelado em Literatura).

A centralidade nos alunos parece ser uma preocupação recorrente entre os licenciandos. Ao dissertarem sobre o tipo de professor que eles querem ser, muitos deles abordaram a questão da relação professor-aluno e da relação do aluno com o conhecimento. Esse também é o caso de Deivid, estudante do curso de Letras e licenciando em Língua Inglesa:

“Quero ser um professor que realmente se preocupa com seus alunos: se realmente estão aprendendo, se estão com alguma dificuldade... eu quero ajudá-los!” (Deivid, estudante de Letras – licenciatura em Língua Inglesa).

Se grande parte dos alunos se inspira em algum professor com quem já teve aula durante sua trajetória escolar, Michele é um caso à parte. Ao contrário de seus colegas, ela quer ser uma professora que ela nunca teve em sua vida. Assim como seus colegas, Michele também acredita numa relação horizontal entre professores e alunos e afirma, ainda, que quer ser uma professora eternamente aluna, enfatizando que o professor também aprende com os estudantes:

“Desejo ser aquele professor que eu nunca contemplei. Saber que o aluno pode sim me ensinar algo incrível. Todo professor já foi aluno um dia e deve se colocar no lugar dele. Quero ser um professor eternamente aluno” (Michele, estudante de Letras – licenciatura em Língua Inglesa).

Considerações finais

Após a análise das redações, observamos que os alunos, na sua maioria, desejam ser professores porque se identificam com a matéria que irão lecionar e com a profissão docente; foram influenciados por algum professor durante sua trajetória escolar; sempre sonharam em exercer tal profissão ao longo da vida; acreditam na educação como instrumento de transformação da realidade; e/ou valorizam a troca de experiências, a troca de conhecimentos.

No que diz respeito às intenções dos alunos como professores, no futuro, a maior parte deles apontou que deseja ser professor para transformar o meio em que vive; para fazer diferente daqueles docentes com quem tiveram aulas durante sua formação; para formar sujeitos críticos; para despertar nos alunos a paixão pela língua e pela cultura inglesa – no caso dos licenciandos em Língua Inglesa –; para oferecer uma educação de qualidade; e para transmitir os conhecimentos que possuem.

Por fim, os alunos disseram que querem ser professores que instigam, inspiram e motivam seus alunos na busca pelo conhecimento; que respeitam o aluno e que compreendem seu contexto, suas dificuldades e suas diversidades; que respeitam a diversidade; que dão aulas de maneira dinâmica e diferenciada; que valorizam a troca de experiência e a troca do conhecimentos; que apoiam o aluno e se preocupam com ele, sendo um professor amigo, próximo de seus alunos, de forma que eles saibam que poderão contar com ele.

Uma hipótese levantada por nós durante a análise das redações foi que os alunos desejam ser o professor que eles não tiveram e/ou, através do contraexemplo, se tornar aquilo que gostariam de ser. O que mais se destacou no depoimento dos estudantes a respeito de seus objetivos como futuros professores foi a questão do tentar fazer diferente daqueles docentes com quem os licenciandos tiveram aulas durante suas trajetórias escolares. A partir das “falhas” dos professores que eles tiveram, os estudantes parecem usar os contraexemplos para que suas práticas sejam distintas e melhores.

A fala de Michele é emblemática: ela quer ser o tipo de professora que nunca teve em toda a sua trajetória escolar. E o discurso de Michele se reverbera nas falas de seus colegas de turma, de maneiras distintas, porém grande parte delas parece caminhar para uma mesma direção que, no nosso entendimento, seria a direção da afetividade. Parece-nos que os alunos sentem falta de uma relação mais aproximada entre alunos e professores e, não raro, os licenciandos que participaram da atividade usaram a palavra “amizade” para se referir à relação professor-aluno. Termos como “respeito” e “preocupação” com e pelo aluno também foram recorrentes nas redações.

A questão é que todo professor algum dia já foi aluno. A hierarquia presente nas relações estabelecidas entre docentes e discentes na sala de aula parece ser um entrave para a prática docente e para que o processo de ensino-aprendizagem tenha sucesso. Sem generalizar, os alunos parecem questionar uma possível perda da identificação docente com os discentes.

Não foi nossa intenção esgotar os porquês, para quês e tipos de professor possíveis. Nosso objetivo não foi trazer uma verdade sobre o tema, até porque adotamos o discurso construcionista social em nosso trabalho e, de acordo com essa construção teórica, não existe verdade absoluta, mas verdades e/ou

possibilidades. Nosso propósito foi fazer com que os estudantes, através do diálogo e de uma produção escrita sobre a temática da docência, pudessem refletir sobre esse assunto, de forma a favorecer o compartilhamento de experiências e a construção conjunta de significados.

Referências

ALVES, Rubem. **Ostra feliz não faz pérola**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

BOJER, Marianne Miller *et al.* **Mapeando diálogos: ferramentas essenciais para a mudança social**. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2010.

BONADIMAN, Heron; LEAL, Murilo. Formação docente e currículo na perspectiva de estagiários de uma licenciatura em química. *In: CALDERANO, Maria da Assunção (org.). Estágio curricular: concepções, reflexões teórico-práticas e proposições*. Juiz de Fora: Editoria UFJF, 2012.

FREIRE, Paulo. **Conscientização, teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Editora Centauro, 2005.

GERGEN, Kenneth; GERGEN, Mary. **Construcionismo social: um convite ao diálogo**. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2010.

GUANAES, Carla. **A Construção da Mudança em Terapia de Grupo: um enfoque construcionista social**. São Paulo: Vetor, 2006.

KONRATH, Raquel Dilly (org.). **Roda de Conversa na e da Educação Infantil**. São Leopoldo: Oikos, 2013.

SILVA, Roseli. **Socratico: vamos aprender a usar?** Random Walk, 2016. Disponível em: <https://roselisilva.wordpress.com/2016/03/01/socratico-vamos-aprender-a-usar/>. Acesso em: 29 mar. 2018.

ZANINI, Juliana Quint dos Santos; LEITE, Rachel Winz. Sobre afetividade e construção de vínculos na Educação Infantil. *In: OSTETO, Luciana Esmeralda. (org.). Educação Infantil: Saberes e fazeres da formação de professor*. Campinas, SP: Papyrus, 2008.